

jornal da tarde

Publicado pelo S.A. O Estado de S. Paulo
Av. Engenheiro Coeteno Álvares, 55, tel.: 856-2122 (PABX).



Fundado em 1875

JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
(1927 - 1969)

Director Responsável

RUY MESQUITA

Directores

José Vieira de Carvalho Mesquita
Júlio de Mesquita Neto
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
Ruy Mesquita
César Tácito Lopes Costa
José M. Homem de Montes
Oliveiros S. Ferreira

Sarney deu a rasteira, mas até quando agüenta em pé?

Na semana passada, em pomposa solenidade diante das câmeras de televisão, cujo brilho só foi ofuscado pelo tédio dos ministros presentes e da enorme audiência nacional, o presidente Sarney tentou provar ao País que governa com pulso firme, num esforço para mudar a imagem demagógico-irrealista de sua administração. Poderia ter dado certo, mas, como um governo se faz com atos e não com palavras, a fala presidencial caiu logo no esquecimento. E quem mais contribuiu para isso foi o próprio chefe da Nação, que em função dos seus interesses políticos acaba de adotar medidas que, na prática, deixam o ministro Bresser Pereira com muito pouca autoridade.

Isso aconteceu no momento em que o presidente Sarney decidiu nomear o ministro Aníbal Teixeira, um íntimo membro da panela palaciana, para a vice-presidência do Fundo Nacional de Desenvolvimento (FND). Embora a presidência desse fundo de investimentos continue nominalmente com o ministro da Fazenda, uma alteração do Decreto-Lei nº 93.538, que instituiu o FND, reserva ao sr. Teixeira o direito de se manifestar previamente sobre aplicações a serem submetidas ao conselho de orientação do Fundo. Em outras palavras, cresce o poder do ministro do Planejamento, automaticamente "favorável" a todo absurdo que lhe oferecer o sr. José Sarney, para manipular os recursos e as decisões do FND, que até agora não havia destinado um centavo ao trenzinho elétrico presidencial.

O maior prejudicado com a tática maquiavélica do Palácio do Planalto não é, como pode parecer, o ministro Bresser Pereira, que já está solto no ar desde o dia em que foi imposto ao presidente pelo multipresidente Ulysses Guimarães e seus amigos (hoje em número bastante reduzido) do PMDB. Bresser sofreu um golpe de Sarney, mas o Brasil é que sofrerá as consequências da falta de grandeza do grupo palaciano, que reduziu a importância do ministro da Fazenda ao mínimo e matou seu plano macroeconômico antes que a Nação e os credores internacionais dele pudessem tomar conhecimento.

É preciso dizer que o ministro tem culpa no cartório, porque também não soube agir no sentido de preservar sua autoridade. Revelando total falta de sensibilidade política, o sr. Bresser Pereira notabilizou-se por suas declarações bombásticas, invariavelmente desmentidas no seguinte, de efeito catastrófico numa economia traumatizada como a nossa, que vive os efeitos da crise de autoridade deste governo.

Nem os credores externos foram poupados desse tipo de destampatório do sr. Bresser Pereira: sua declaração sobre a intenção do Brasil de pagar 50% dos juros este ano chegou a movimentar a bolsa de Londres, mas o Palácio do Planalto apressou-se em dizer que esta era apenas uma das alternativas em estudo, o que multiplicou o descrédito do Brasil no Exterior.

Perdido nestes erros iniciais e atordoado pelas rasteiras palacianas, o ministro foi buscar apoio com o seu padrinho, o multílder do PMDB, Ulysses Guimarães, e não tardou a assumir uma atitude complacente em relação ao déficit público, enquanto arreganhava os dentes do Leão para as empresas e contribuintes, o que provocou violenta reação das lideranças do setor privado, que não agüentam mais o fardo imposto por este governo que, no meio da tempestade, só fala em mais obras faraônicas.

Em outras palavras, o ministro Bresser Pereira revelou o mesmo tipo de fraqueza do seu antecessor Dílson Funaro que, à primeira ameaça à sua posição pessoal, cedeu a todas as exigências dos políticos e sacrificou o Plano Cruzado e o Brasil. O mesmo tipo de fraqueza, aliás, que revela também o presidente Sarney que, desde que caiu sobre a cadeira presidencial, vem tentando "legitimar-se" por meio de todo tipo de expediente artificial, menos pelo único que poderia legitimá-lo de fato, que é o da ação, seguida da apresentação de resultados.

Tudo isso enfraqueceu sua posição e deu o sinal, a quem o pretendia, de que, se quisesse "peltá-lo", poderia. Agora, confirmando desesperadamente a sua total alienação em relação aos angustiantes problemas brasileiros, o sr. Sarney não achou nada melhor do que dar mais um violento golpe na autoridade do novo ministro, precisamente no momento em que a crise econômica, fruto da crise de autoridade do governo, mostra sinais claros de que escapou a qualquer controle: no mês de maio, segundo a Fundação Getúlio Vargas, a inflação foi de 27,58%, o maior índice de todos os tempos (até que se anuncie o do próximo mês). Os preços por atacado subiram 30,72%, os preços ao consumidor subiram 25,10% e o Índice Nacional do Custo da Construção subiu 20,09%. Como se sabe, os preços por atacado têm um peso de 60% no Índice Geral de Preços da FGV, que foi, como dissemos, de 27,58% — o maior desde 1944, quando teve início a pesquisa de preços da instituição.

A grande elevação dos preços no atacado em maio faz supor que, em junho, haverá forte pressão para novas altas no varejo, pois os aumentos no comércio ocorrem logo em seguida à sua elevação no atacado. Desse modo a inflação de julho provavelmente irá superar a dos meses anteriores. Ao contrário do que disse o ministro Bresser Pereira, o processo inflacio-

nário não se estabilizou no patamar dos 20%, pois estamos diante de ajustes que farão o índice atingir rapidamente o "patamar" dos 30%, e assim por diante...

Que níveis o governo Sarney vai esperar que a inflação atinja para começar a agir? Ou outra pergunta: até que nível de inflação o sr. Sarney acha que agüentará no cargo em que está?